

# ORGULHO SUBURBANO: O PROJETO DE DIGNIFICAÇÃO DOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NA IMPRENSA DE BAIRRO, 1948-1957\*

*Annelise C. Fraga Fernandez*

**Resumo:** Com base em uma abordagem que relaciona a evolução do espaço urbano e a construção da identidade social de seus moradores, o artigo realiza um estudo sobre os valores e modo de vida das camadas médias suburbanas do Rio de Janeiro no período de 1948 a 1957. O objetivo é demonstrar como determinadas práticas e ideais voltados para o progresso social e urbano da região fazem parte de um projeto consciente de dignificação dos subúrbios e se constituem em elementos fundamentais para a construção da identidade social deste grupo. A imprensa de bairro foi o principal veículo de explicitação e transformação dos conteúdos deste projeto. Sendo assim, o presente texto está centrado na análise do periódico *Subúrbios em Revista*, que, no período estudado, destaca-se como principal órgão divulgador dos anseios das camadas médias suburbanas.

**Palavras chave:** Rio de Janeiro. camadas médias. imprensa de bairro. carnaval

Os estudos sobre modo de vida nas grandes cidades apontam para a existência de numerosas fronteiras culturais que muitas vezes podem se refletir na demarcação do mapa geográfico e social da cidade, por meio dos processos históricos que infringem a uma dada localidade uma série de significações sociais.

Os subúrbios do Rio de Janeiro têm se destacado como um exemplo rico das relações entre espaço urbano e identidade social que se refletem no conjunto de estereótipos atribuídos aos seus moradores, em geral por pessoas que não habitam essas regiões. Assim, suburbano, na atualidade, é sobretudo uma categoria de classificação externa, que traz consigo conteúdo pejorativo relacionado à pobreza, atraso e cafonice ou, ao contrário, pode ser acionado para valorizar a amizade e as relações de vizinhança locais.

Nesse sentido, Abreu (1984) descreve como a ocupação da região fez parte de um processo de estratificação do espaço urbano (comandado pelo Estado) que fez com que os subúrbios fossem progressivamente identificados como local destinado à moradia das camadas populares, sobretudo a partir da Reforma Passos (1902-1906). Em contrapartida, o autor destaca também a reação de uma parcela da população local na imprensa de bairro suburbana – atuante desde o final do século XIX – em protestar contra o abandono do Estado em fornecer as mínimas condições de infra-estrutura urbana e principalmente em divulgar a existência de uma elite social na região, revertendo assim os estereótipos de pobreza e marginalidade atribuídos aos subúrbios

---

\*. Agradeço o incentivo e as sugestões de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, fundamentais para a conclusão deste trabalho.

A crença no desenvolvimento social e urbano da região mediante o empenho de seus moradores foi certamente um dos mais caros valores presentes na combativa imprensa suburbana até, pelo menos, o final da década de 50. Essa crença, sem dúvida, reflete-se na afirmação positiva de uma identidade suburbana presente nessa imprensa a começar pelos seus títulos: *Progresso Suburbano*, *Echo Suburbano*, *O Suburbano*... Dessa forma, o presente texto procura descrever as práticas e representações das camadas médias suburbanas sobre a sua localidade, no periódico *Subúrbios em Revista*, no período de 1948 a 1957. Por acreditar que tais iniciativas constituíram-se em elementos fundamentais na construção da identidade desse grupo, defino-as como um projeto de dignificação social dos subúrbios.

Fazendo uso da noção de projeto como uma conduta organizada de um indivíduo ou grupo para atingir fins específicos (VELHO, 1994), procuro mostrar que esse projeto se constituiu em uma estratégia consciente dos setores médios em se autopromoverem e se distinguirem de outros segmentos sociais, a partir do prestígio advindo de seu empenho e dedicação ao progresso da região e bem-estar da população suburbana.

Esta análise pode inovar ou enriquecer a produção voltada para o estudo de camadas médias urbanas, à medida que retrata um projeto de desenvolvimento ou, se é possível dizer, de “modernização” dos subúrbios, calcado em valores tradicionais de permanência e reprodução das relações de parentesco e vizinhança.

Segundo os estudos voltados para o tema, a adesão de indivíduos pertencentes às camadas médias suburbanas às ideologias de modernização traduz-se em iniciativas de “deixar o bairro”, “ir morar na zona sul”, “desligar-se dos amigos” ou, enfim, na opção pelo “mudar” (VELHO, 1994). Pretendo mostrar que, até pelo menos o final da década de 50, existia uma crença fundamental, por parte desse segmento social, de que os subúrbios seriam os bairros do futuro e do progresso. Assim, os investimentos econômicos e simbólicos na região, as ações comunitárias, a manutenção de uma rede de relações sociais calcadas na vizinhança ou toda uma série de valores que expressassem o “permanecer” (VELHO, 1994) seriam requisitos básicos para a chegada do progresso.

Pretende-se, portanto, caracterizar um período no qual ficar e investir no bairro se colocava como principal modelo de trajetória social e aquisição de prestígio entre as camadas médias suburbanas.

Na primeira parte do texto, procuro descrever o processo de ocupação dos subúrbios cariocas e a importância da imprensa de bairro como veículo de denúncias sobre a discriminação espacial vivida pela região e, sobretudo, de luta dos setores médios locais na conquista de melhoramentos entendidos como necessários ao progresso dos subúrbios.

Na segunda parte, então, procuro mostrar como *Subúrbios em Revista* consolidou sua imagem nos subúrbios, mobilizando e transformando valores e ideais que já se faziam presentes, desde o século passado, entre as aspirações das camadas médias suburbanas, sem, contudo, deixar de contextualizar tais iniciativas, destacando a grande atuação do setor comercial e a instrumentalização do carnaval como elemento importantíssimo de projeção dos subúrbios no período estudado.

Embora *Subúrbios em Revista* tivesse uma intenção clara de promover e divulgar os subúrbios como um todo, dedicava-se preferencialmente à vida social e aos assuntos do bairro de Madureira. Assim, utilizo como referencial de análise a própria área de influência da revista, ou seja, privilegio a rede de relações sociais estabelecidas em Madureira, mas acredito que o conjunto de práticas e valores pertencentes ao grupo estudado em relação ao bairro pode ser estendido a segmentos do mesmo estrato social em outros bairros da região suburbana.

Por último, é preciso ressaltar que o período de 1948 a 1957 compreende os quase dez anos iniciais de *Subúrbios em Revista*, que se estendeu até os primeiros anos da década de 70 sob a liderança de seu fundador, Carlos Gomes Potengy. A opção por limitar a análise até 1957 não foi estabelecida por razões teóricas ou históricas, mas devido à dificuldade em obter mais números do periódico em questão. Portanto, a impossibilidade de avaliar de forma mais completa a evolução ao longo do tempo, do projeto de dignificação dos subúrbios, me permite apenas sugerir, baseada em relatos e entrevistas, que o mesmo sofreu grandes alterações a partir da década de 60, refletindo em grande parte o sentido das novas interferências sobre o espaço urbano carioca a partir dessa data.

## 1 Os subúrbios na imprensa de bairro

Os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro têm sido popularmente definidos como aquelas regiões servidas pelos trens da Estrada de Ferro Central do Brasil e Leopoldina. Criado principalmente com a finalidade de transportar produtos rurais (em especial o café), o trem suburbano em seus primeiros momentos era, na verdade, bastante restritivo considerando-se o custo elevado da passagem e a intermitência de seus horários (com apenas um trem diário). Assim, segundo Abreu (1984), até a década de 1890, o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários. Era uma população, portanto, que tinha uma remuneração estável, isto é, não dependia da busca diária de trabalho<sup>1</sup> e podia arcar com o alto preço da passagem<sup>2</sup>.

Nas notas publicadas na imprensa de bairro desse período, destacam-se os valores elitistas das camadas médias suburbanas, enfatizando a ocupação "aristocrática" e a riqueza da vida social dos subúrbios, assim como o bucolismo e a salubridade tanto higiênica quanto moral de suas zonas em relação ao adensamento populacional e às precárias condições sanitárias das moradias do centro da cidade. Em contrapartida, a vida quase rural da região assumia um caráter negativo nas constantes referências do redator de um desses jornais – *Gazeta Suburbana* – ao subúrbio como roça (ABREU, 1984, p. 42), em protesto pelo abandono e descaso do Estado em prover condições de infra-estrutura urbana. Quando por vezes se enfatizava o progresso suburbano, este parecia relacionado ao preenchimento dos espaços

<sup>1</sup> "Para muitos trabalhadores a moradia nas regiões centrais da cidade era condição indispensável para a sobrevivência, já que o ganhador tinha que ser procurado diariamente nas ruas da cidade. Precisavam, portanto, da aglomeração para conseguir trabalho e não podiam arcar com gastos de transporte e aluguéis muito caros" (ABREU, 1884).

<sup>2</sup> A partir de 1870, o preço das passagens diminuiu consideravelmente e a linha de Cascadura passa a ser servida por dois trens diários, inaugurando de fato o tráfego suburbano no Rio de Janeiro. Logo depois, surgem as seguintes estações: Todos os Santos (1886), Engenhode

vazios, com elegantes construções, valorizando portanto um progresso que, (além de ser predominantemente social), era fruto da “iniciativa particular” de alguns empreendedores.<sup>3</sup>

Da estação de São Francisco Xavier até Cascadura margeando a estrada de ferro, não há nesse cordão de edificações uma solução de continuidade, os mais lindos chalés, os mais vistosos palacetes e as mais confortáveis vivendas ostentam, com sua materialidade bruta, a força da iniciativa particular (*Gazeta Suburbana* – Todos os Santos – II, p. 16, 28/06/1884 apud ABREU, 1984).

Os protestos contra a chegada de pessoas e usos indesejáveis, também na *Gazeta Suburbana* em 1884, demonstram como o processo de desconcentração da cidade em direção aos subúrbios já estava em pleno andamento. Mas é a partir da Reforma Passos<sup>4</sup> que esse movimento se intensificou radicalmente, ameaçando as pretensões das camadas médias suburbanas em valorizar os subúrbios e ascender socialmente. O jornal *Echo Suburbano* em 1911 descrevia então os efeitos da Reforma Passos sobre os subúrbios:

Outrora, nos tempos da velha cidade, o subúrbio era uma espécie de remanso feliz do proletariado honesto; procurado em geral pelos pacíficos amantes do sossego e da tranqüilidade. Pobre, abandonado, pouco populoso, desprezado como sempre... Mas aí reinava a paz honesta e a pobreza sã. Depois que o prefeito Passos lançou por terra a velha cidade, abrindo novas ruas e levantando novos edifícios, toda aquela pobre gente emigrou para o subúrbio e aí fora das vistas da justiça e da repressão, um grande mal se desenvolveu e progrediu (*Echo Suburbano* – Madureira – II, p. 173, 07/1911).

Embora a Reforma Passos representasse a consolidação de um processo de estratificação do espaço urbano (comandado pelo Estado) que já ocorria há algum tempo, ela se tornou um marco importante na história da formação dos subúrbios, já que, a partir desse fato, o subúrbio foi progressivamente identificado como local destinado à moradia das camadas populares. Se, por um lado, a Reforma não deixou de atuar como um balde de água fria nos anseios elitistas das camadas médias suburbanas, de outro, fortaleceu entre esses setores o desejo de se distinguirem dessa população marginalizada que vivia de forma indefinida entre o mundo legal e ilegal e que tanto contribuía para a degradação de suas zonas (*O Subúrbio* – Méier – 181, 21/01/1911).

A imprensa de bairro suburbana foi, certamente, um veículo importantíssimo de luta e de expressão dos anseios das camadas médias locais. Embora os subúrbios

Dentro (1871), e Piedade (1873). Na década seguinte são inauguradas as estações: do Rocha (1885), Sampaio (1885), Quintino (1886), Mangueira (1889), Madureira (1890) e D. Clara (1897), esta já desaparecida (ABREU, 1984, p. 06).

<sup>3</sup> *Gazeta Suburbana* (Todos os Santos – 10/1883 a 10/1885), *Gazeta Suburbana* (Méier – 08/09/1910 a 31/12/1912 05/04/119 a 27/08/1921), *O Suburbano* (01/03/1900 a 01/12/1900), *O Subúrbio* (Méier – 13/05/1903 a 05/04/1904 27/07/1907 a 02/09/1911), *Echo Suburbano* (Engenho de Dentro – 03/08/1901 a 26/10/1901), *Echo Suburbano* (Madureira – 24/04/1911 a 31/12/1911), *Progresso Suburbano* (02/03/1902): Biblioteca Nacional.

<sup>4</sup> Remodelação urbana do centro do Rio de Janeiro (1902 – 1906), que visava ajustar a cidade, com características tipicamente coloniais às novas necessidades do sistema capitalista. Ao expulsar a população pobre que habitava o centro para outras áreas da cidade, a Reforma simultaneamente resolveu a questão do controle social, a questão sanitária e adequou a cidade aos padrões estéticos europeus.

tenham assumido feições muito mais problemáticas após a Reforma Passos, os jornais suburbanos empenharam-se cada vez mais para a conquista de melhorias urbanas e, sobretudo, para reverter imagens socialmente desvalorizadas da região.

Melhoramentos pelos subúrbios, melhoramentos para a zona suburbana. Será este o nosso constante grito... Somos suburbanos, defensores dos subúrbios e para trabalharmos em benefício dessas paragens nunca sentiremos extenuações (*Echo Suburbano* - Madureira - II, p. 173, 08/07/1911).

## 2 Os subúrbios em revista

A leitura de *Subúrbios em Revista*, fundada em 1948, em Madureira, pelo jornalista e também morador do bairro – Carlos Gomes Potengy - chama atenção pela permanência de valores presentes na imprensa suburbana do início do século. Nela, encontra-se a oposição entre subúrbios e o centro da cidade, a afirmação de uma identidade festiva e boêmia (HEILBORN, 1984) e a busca de distinção social mediante a reprodução de determinados usos e costumes.

Até mesmo os principais problemas da região suburbana apontados por *Subúrbios em Revista* não diferiam significativamente daqueles encontrados na imprensa de bairro nos primeiros anos desse século (ABREU, 1984; SILVA, E., 1988). Com exceção de queixas sobre a escassez de telefones, a falta de gás e o problema de transportes que, na década de 50, estendiam-se também aos problemas de trânsito, parece que o tempo simplesmente não havia passado.

O povo suburbano gosta de condução rápida, mas fica horas e horas na gare das estações à espera de um trem ou descontrola o sistema nervoso nas filas de ônibus...

O povo suburbano gosta de escolas e aí estão 100 mil crianças só sem escola primária...

O povo suburbano gosta de água: mas há 50 anos que não a tem suficiente, enquanto os poderes públicos esquecem o torturante problema...

O povo suburbano gosta de saúde, mas as águas e detritos de fossas escorrem pelas sarjetas e calçadas da R. Domingos Lopes em plena Capital dos Subúrbios.

O povo suburbano gosta de limpeza pública, mas é forçado a jogar lixo nas ruas porque os lixeiros só aparecem de quinze em quinze dias... (*SR.*, p. 17, 04 e 05/1954).

Apesar de o Estado pouco ter feito em benefício das regiões suburbanas ao longo de todos esses anos, o final dos anos 40, prolongando-se pela década de 50, caracterizou-se por uma conjunção de processos históricos que permitiram o fortalecimento dos sentimentos e práticas localistas citados anteriormente. Nas páginas de *Subúrbios em Revista*, pode-se retratar uma época em que as camadas médias suburbanas finalmente pareciam ver concretizados os seus sonhos de progresso social e desenvolvimento da região.

Segundo ABREU (1988), os anos 40/50 caracterizaram-se pela posição de

destaque da burguesia industrial, também pela penetração maciça do capital estrangeiro, marcando então o início da febre desenvolvimentista no país. No plano urbano, foi um momento em que a população cresceu de forma espetacular e o processo de estratificação geográfica se desenvolveu de forma mais ou menos “mascarada”, em função da proliferação de favelas por toda a cidade que, embora ainda fossem tratadas como “chagas” no discurso formal, eram também o manancial de uma infinidade de votos e, portanto, consideradas intocáveis.

A composição social dos subúrbios (ocupado majoritariamente por setores populares) não se modificou. Porém, como os setores populares se espalharam por toda cidade pela disseminação de favelas, minimizou-se por certo tempo o contraste social entre subúrbios, centro e zona sul (ABREU, 1988). Esse quadro, aliado a um período de grande prosperidade comercial e industrial de algumas regiões suburbanas, intensificou a crença das camadas médias de que finalmente a hora e a vez dos subúrbios havia chegado.

*Subúrbios em Revista* soube expressar adequadamente o desejo de autopromoção dessa parcela da população. A exaltação do progresso suburbano com ênfase na evolução urbana estava presente em reportagens que valorizavam a elegância dos edifícios da região. O crescimento industrial era destacado na reportagem sobre a fábrica de tecidos em Bangu e as rápidas transformações do bairro de Madureira eram exaltadas por meio do uso de fotografias do passado e presente do local.

A revista também procurava investir na divulgação e promoção da vida social suburbana, dedicando em seu primeiro ano de existência um grande número de páginas à cobertura das atividades dos clubes.

Embora *Subúrbios em Revista* se intitulasse como um órgão em defesa dos direitos da população suburbana, ela, assim como o resto desta imprensa de bairro, procurava atribuir um caráter abrangente (à medida que se referiam a todos os moradores da região) a um conjunto de valores e práticas que na verdade pertencia apenas aos setores médios da população. Assim, a divulgação intensa de um determinado “estilo de vida suburbano” procurava reverter as imagens socialmente desvalorizadas a respeito dos subúrbios como local de pobreza e abandono, por outras que mostrassem o seu lado chique, elegante e progressista. O interesse da revista pelos então chamados “desportistas” sugere a importância dos clubes como espaço de socialização, legitimação ou aquisição de prestígio entre as camadas médias suburbanas.

O grande número de fotos e reportagens cobrindo casamentos, batizados, aniversários, festas de quinze anos, bodas de casamento, entre outras, revela também a importância da divulgação de determinados momentos da vida familiar como um importante critério de atribuição de prestígio entre as camadas médias suburbanas.

De fato, o sucesso de vendas da revista deve-se à idéia genial de Potengy de criar um estúdio de fotos vinculado à mesma. Ou seja, as fotos tiradas neste estabelecimento eram publicadas gratuitamente na revista. Assim, Potengy além de lucrar com as fotos, multiplicou as vendas de *Subúrbios em Revista*.

(...) tinha dias de sábado de ter dez, quinze casamentos porque na época era demonstração de status sair publicada na revista a fotografia. Então, meu pai conjugou aquilo tudo e fez uma grande revista para ter vinte mil exemplares dentro de Madureira, é brincadeira (...) quando saía um casamento, como saía normalmente, cada família pegava vinte, trinta exemplares (C. Gomes Potengy Júnior; entrevista 20/ 06/ 91).

As fotos do estúdio (que tinha o mesmo nome da revista) eram em sua maioria, de casamento, mas publicavam-se também fotos de crianças, recitais de piano, acordeon, primeira comunhão e formaturas de todo o tipo, sobretudo dos cursos de corte e costura e datilografia. A difusão de tais cursos por todo o subúrbio, variando em tamanho das instalações, número de alunas, tipo de organização (se privada ou assistencial) e estilo de formatura, indica que a aquisição dessa habilidade era um valor aspirado pelos diversos setores da sociedade. Entretanto, critérios tais como o nome, tradição e prestígio do curso escolhido, atuavam como pontos importantes de diferenciação social. Em relação às fotos: o tamanho, o espaço ocupado na revista (podendo ser até a capa) e o tipo de cobertura variavam conforme o prestígio e a posição social da família dos noivos ou do fotografado em questão.

Assim, pode-se dizer que, embora *Subúrbios em Revista* se dedicasse basicamente a divulgação de valores e ideais dos estratos médios suburbanos, é provável que determinados aspectos culturais veiculados na revista fossem compartilhados por outros segmentos sociais. O fato de a revista publicar gratuitamente as fotos do estúdio, certamente permitia um acesso mais democrático a este veículo de promoção social. Entretanto, a valorização de certas distinções significantes (BOURDIEU, 1974) servia para qualificar ou hierarquizar indivíduos ou grupos.

## 2.1 O setor comercial em destaque

A participação no meio comercial e social parece ter sido a dupla condição que caracterizava o benemérito suburbano nas décadas de 1940 e 1950. Embora existissem pessoas com determinado prestígio em apenas uma ou outra situação ou, até com outras ocupações, é a imagem do comerciante que investe onde prospera e mora, que configura o modelo idealizado do suburbano, que não só “venceu na vida”, mas contribui para o progresso da região.

O comércio, portanto, tornou-se uma espécie de índice que avaliava a “marcha progressista” dos subúrbios, fazendo com que a região pudesse se colocar em condições de igualdade às zonas centrais da cidade, famosas pela sofisticação de suas lojas e cafés.

O comércio suburbano evoluiu muito... existem estabelecimentos comerciais que pela grandiosidade de suas dependências, luxo e modernismo de suas instalações, beleza e arte de suas vitrines, excelência de seus artigos, sobretudo, seus preços reduzidos, podem muito bem entrar em confronto com seus congêneres mais afamados da Avenida Rio Branco e Ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias (SR., 01/1949).

A oferta de novos serviços por parte do comércio minimizaria a negligência dos poderes públicos em investir em obras de infra-estrutura urbana<sup>5</sup>. As inaugurações então se tornavam momentos expressivos de capitalização de prestígio por parte do comerciante que oferecia um novo serviço à população suburbana. Por fim, procurava-se manifestar nesses momentos a distinção social do progresso suburbano por meio da ênfase no poder aquisitivo, na elegância e na sofisticação da “elite” que promovia tais empreendimentos.

Em outros tipos de cobertura da revista, sobre acontecimentos mais voltados para a vida familiar, ou festividades nos clubes sociais, a valorização de distinções significantes (BOURDIEU, 1974), tais como o vestuário, a elegância, bom gosto, refinamento e cultura..., a atenção concentrava-se sobretudo em aspectos do universo feminino<sup>6</sup>. As inaugurações, por sua vez, eram acontecimentos basicamente masculinos, nos quais se destacava o trabalho como forma de superação das duras condições de vida anteriores. A vitória da dedicação e do esforço individual, a honestidade no trato dos negócios, a cortesia e a generosidade com os fregueses e, finalmente, o estabelecimento de laços de amizade e participação nas questões comunitárias eram os atributos mais valorizados, muito embora os critérios sobre quais seriam tais atividades comunitárias fossem bastante imprecisos. As ações de caráter apenas particular tornavam-se verdadeiros benefícios para a coletividade: a inauguração de um negócio, a instalação de novos equipamentos, a sofisticação das instalações, enfim, qualquer novidade ou melhoramento eram apresentados como gestos altruístas do proprietário para com o subúrbio e seu povo.

O investimento imobiliário também era descrito como importante iniciativa para a beleza e o progresso da região suburbana. Assim, belas casas ou edifícios imponentes recebiam títulos pomposos como: “aristocrático palacete”, “solar”, “majestoso edifício” ou termos mais modestos como: “aprazível” ou “confortável residência” classificava os imóveis e, por esses, a condição social de seus proprietários.

Não é só o impressionante estilo arquitetônico do majestoso solar dos Fonseca, à Rua Carolina Machado, 524, em Madureira que encanta e seduz o visitante. O seu magnífico arranjo interior e exterior, a poesia de seus jardins floridos, os vitrais, tudo se reveste do mesmo tom de elegância e bom gosto e harmoniza-se admiravelmente com o clima que o cerca (SR., p. 4, 10/1949).

Enaltecida pela revista como uma solução para a “crise de habitações” na cidade (SR., p. 15, 10/1951) a atividade imobiliária, de fato, foi uma das principais estratégias de acumulação entre os setores médios suburbanos e, em especial, entre

<sup>5</sup> Segundo ABREU (1984, p. 27), os investimentos realizados pelo Estado na melhoria do abastecimento d’água, em obras de saneamento, na extensão de redes de esgoto e de iluminação pública, na criação e arborização de áreas livres, na construção de escolas e hospitais, no calçamento de ruas e na melhoria dos transportes e outros contribuem para melhorar a qualidade de vida dos bairros beneficiados, mas, sobretudo, beneficiam os proprietários dos imóveis aí localizados, a partir do acesso a estes benefícios no interior de cada unidade habitacional. Dessa forma, o Estado, ao concentrar as obras de melhoramentos no centro e na zona sul a abandonar o subúrbio à sua própria sorte iniciou um processo inédito de transferência de renda dos bairros mais pobres para os bairros mais ricos em uma política definida pelo autor como sendo aquela que “privatiza benefícios e socializa custos”.

<sup>6</sup> Segundo SILVA (1985), a construção do gênero feminino é fundamental na demonstração do status familiar e na viabilização dos processos de ascensão social.

os comerciantes<sup>7</sup>. A aventura no mercado imobiliário muitas vezes começava como uma reserva de valor dos lucros obtidos em outros investimentos<sup>8</sup>. Progressivamente, a compra, venda ou aluguel de imóveis podia se tornar uma alternativa vantajosa de lucros para o proprietário que, então, passava a se dedicar mais a esta tarefa.

A história da família de Armindo Fonseca, um dos mais destacados membros da “elite suburbana” no período estudado, é interessante por retratar um modelo de acumulação, ascensão social e capitalização de prestígio bastante comum entre os setores médios suburbanos: seu pai, pobre e imigrante de origem portuguesa, estabeleceu-se nos subúrbios no início do século e, por meio do comércio e da construção de moradias para alugar, conseguiu prosperar.

Meu pai foi criado por um casal de lavradores. Foi um homem que sofreu muito. Ele veio para o Brasil com a sacolinha dele nas costas. Foi trabalhar no fundo do mar, na Praça Mauá. O dinheiro para ele vir para o Brasil foi emprestado. Então, ele veio, trabalhou, trabalhou para pagar a passagem dele. Foi servente de obra, foi pedreiro, encarregado, mestre-de-obra. Aí começou a construir etc. e tal. Aí fez duas casinhas, uma para ele morar e outra para alugar. Então minha mãe quando veio de Portugal já veio com uma casa própria para morar. Depois ele foi industrial; teve uma fábrica de sabão... (A. Fonseca; entrevista 02/02/1995).

Valorizando a ascensão social como fruto do trabalho árduo, *Subúrbios em Revista* elaborava perfis de “grandes madureirenses”; pessoas como Victor José Alves, que se destacavam por “gestos de filantropia e extraordinária capacidade de trabalho” (SR., 05 e 06/1949), ou o comerciante Sr. José Porfírio Teixeira, estabelecido no mercado de Madureira que se destacava na revista com a seguinte manchete. “O trabalho honesto enobrece, dignifica e também enriquece! Outrora puxador de carrinho de mão, o Sr. Porfírio Teixeira é hoje capitalista e comerciante de grande conceito” (SR., p. 16, 09/1956).

O termo capitalista era utilizado para referir-se aos comerciantes que se destacavam por realizar “transações comerciais de grande vulto” (SR., p. 16, 09/1956). Destacavam-se comerciantes ligados ao mercado atacadista, como é o caso do Sr. Porfírio, pessoas ligadas ao mercado de terras ou, ainda, comerciantes que possuísem pequenas indústrias, como o Sr. João Costa da Fonseca (pai de Armindo Fonseca), antigo proprietário de uma fábrica de sabão.

Além do volume de capital necessário para se abrir um negócio de grande porte, o capitalista também se destacava pela inovação de seu empreendimento. Nesse sentido, postos de gasolina, empresas de lotações ou supermercados (SR., 01/1957) eram negócios relativamente inusitados para a época e, portanto, vistos como verdadeiros índices de progresso suburbano. Armindo Fonseca, por exemplo, inaugurou em 1949 a Churrascaria Madureira (o primeiro estabelecimento do gênero a surgir no bairro), com uma festa em grande estilo, que contou com a presença do prefeito General Mendes de Moraes, dos vereadores Álvaro Dias e Gama Filho.

<sup>7</sup> Sobre a relação entre capital mercantil e mercado fundiário ver Ribeiro (1984).

<sup>8</sup> Ou ao contrário, o rendimento acumulado com o aluguel de moradias permitiria mais tarde o investimento no setor comercial.

A inauguração de estabelecimentos comerciais, assim como outras iniciativas consideradas beneficentes, eram ocasiões propícias não apenas à promoção de membros destacados da “sociedade suburbana”, mas também eram momentos de possível articulação política, uma vez que esses empreendimentos freqüentemente contavam com a participação de políticos em busca de promoção pessoal.

As boas relações estabelecidas entre os setores médios suburbanos, em especial os comerciantes de Madureira e a prefeitura, levaram os primeiros a acreditar que determinados eventos poderiam servir de trampolim para a obtenção de novos melhoramentos para a região suburbana. Tais conexões políticas eram em geral estabelecidas a partir de relações típicas de clientela, ou seja, relações personalizadas, baseadas na troca de favores entre os políticos e a comunidade. Apesar da conquista de alguns benefícios e ou patrocínios para alguns empreendimentos comunitários, esses acontecimentos resumiam-se, na verdade, a discursos, promessas e capitalização de prestígio de ambas as partes.

A atuação destacada em atividades comunitárias, muitas vezes servia como estímulo para o ingresso na carreira política. Armindo Fonseca, por exemplo, apesar de negar o seu envolvimento político, em 1950 lançou sua candidatura a vereador pelo Partido Social Democrático apoiado pelo então vereador Gama filho (*S.R.*, 06/1950). Ele, assim como outros beneméritos do subúrbio, colocava sua candidatura como um apelo e uma necessidade da comunidade e não uma escolha pessoal do candidato em questão. O fracasso nas urnas, porém, costumava encerrar qualquer outra aventura na carreira política e a retomada de um discurso que enfatizava o caráter apolítico e espontâneo da causa suburbana. A política, portanto, era vista sempre como algo externo ao movimento, já que os vínculos dessa natureza eram estabelecidos a partir de relações de conhecimento entre políticos e alguns membros da comunidade. Armindo Fonseca, ao ser indagado sobre a presença do prefeito em Madureira afirma:

Ele sabia que em Madureira sempre tinha movimento. Então nós tínhamos liberdade, nós tínhamos acesso direto ao gabinete dele. Dele principalmente e de outros mais. Mas por quê? É aquela história né, a gente só trabalhava prô bem. Eu não era político, não tinha feito política, como nunca fui a políticos. Tudo que fazíamos era com espontaneidade (A. Fonseca em entrevista, 02/1995).

Nessa perspectiva, o projeto de dignificação dos subúrbios, divulgado sobretudo na imprensa suburbana, procurava legitimar-se através da formação de uma imagem pública valorizando a união de seus membros em torno da mesma causa e, a representatividade do movimento a partir da produção de uma igualdade abstrata com os moradores do subúrbio como um todo. O ocultamento de diferenças partidárias e confessionais (DURHAM, 1984) traduzia-se na dificuldade do movimento em trabalhar posições divergentes ou buscar por meio da representação política, canais mais eficazes de pressão para a obtenção de suas reivindicações. A tendência unificadora do movimento, muitas vezes, recaía em mecanismos autoritários de

imposição de um consenso sobre práticas e atitudes que deveriam caracterizar o suburbano idealizado.

## 2.2 Criando raízes no bairro

Considerando “elite” como a tradução da categoria nativa de “nossa melhor sociedade”, percebe-se a importância da iniciativa e do potencial econômico que era revertido em ações comunitárias, como critério de inserção nas redes locais de relações sociais.

Sr. Serafin Gonçalves Pinto: Noutros setores de suas atividades como capitalista e filantropo, sempre que é solicitada a sua cooperação para uma iniciativa em prol do progresso de Madureira ou do bem estar e felicidade de seu povo, desempenha um papel saliente e deixa um rastro luminoso que o torna cada vez mais admirado e respeitado no seio da sociedade local (SR., 05 e 06/1949).

A partir de BOURDIEU (1974), pode-se dizer que o engajamento sobretudo do setor comercial em práticas voltadas para o desenvolvimento da localidade, seria um modo de fazer com que as diferenças propriamente econômicas fossem duplicadas pelas distinções simbólicas na forma de usar esses bens.

Essa distinção manifesta-se de forma marcante a partir da oposição encontrada em vários relatos e trechos da revista entre aqueles que tinham “raízes no bairro” e os “estrangeiros”. Enquanto os primeiros desenvolviam vínculos de amizade, parentesco e afetividade pelo bairro, os segundos, que podiam ser imigrantes e ou moradores de outras localidades, instalavam-se no bairro apenas para ganhar dinheiro. A avareza e o descompromisso com as causas do bairro eram algumas das acusações acionadas diante da recusa de alguns indivíduos em colaborar com as campanhas e movimentos organizados pelos “verdadeiros suburbanos”. Confirmando, portanto, o seu caráter coercitivo, típico dos movimentos de natureza comunitária (DURHAM, 1984).

A sua face autoritária tornava-se particularmente clara nos períodos de carnaval, quando os comerciantes de Madureira se cotizavam para a construção dos coretos alegóricos<sup>9</sup>. Dentre todas as práticas comunitárias, sem dúvida o carnaval foi consolidando-se como a data mais marcante para que os comerciantes de Madureira demonstrassem, segundo *Subúrbios em Revista*, seu amor ao bairro e gratidão à população suburbana.

A progressiva incorporação do carnaval, como um símbolo da cultura nacional no período de pós-guerra, fez com que o carnaval dos coretos adquirisse também um velado caráter nacionalista. Os comentários da revista a respeito dos “proveitadores do esforço alheio”, ou seja, aqueles comerciantes que além de não contribuírem para os coretos ainda exploravam o povo de Madureira, procuravam destacar na maioria das críticas a origem imigrante do comerciante em questão, fazendo referências jocosas ao seu sotaque, à sua aversão cultural e social à festa, a sua avareza.

---

<sup>9</sup> Os coretos são construções desmontáveis de madeira que se assemelham a quiosques e ou palanques feitos para animar o carnaval de rua. Eles em geral são decorados segundo um tema específico e feitos para durar apenas no carnaval.

Houve quem afirmasse que não contribuía porque ‘carnaval era festa de negros’ ...mas, depois de recontar a fêria levada pelos negros, deve estar lamentando que Madureira não tenha quatro carnavais por ano... Dois ‘sapateiros’ se negaram a colaborar porque, para eles o carnaval não interessava... porém no momento oportuno, trataram de ficar na porta batendo palmas: ‘entra freguês, eu tem sapata bela’ (...) ‘o meu botina é de elite’ (SR., 03/1949).

Assim, a recusa de alguns comerciantes em participar de algo tão querido e importante para a localidade como os coretos poderia representar também a negação da própria essência brasileira: o carnaval. Os múltiplos elementos que permitiram a bem sucedida associação entre o projeto de dignificação dos subúrbios veiculado em *Subúrbios em Revista* e o carnaval dos coretos podem ser mais bem compreendidos, a partir da evolução dessa prática carnavalesca e os diferentes significados que o carnaval foi adquirindo no contexto mais amplo da sociedade brasileira.

### 2.3 A história dos coretos alegóricos de Madureira

Como num quadro de imagens rabelesianas, no qual o carnaval ou o carnavalesco adquire um sentido de renascimento e renovação (BAKHTIN, 1987), a história dos coretos de Madureira curiosamente se relaciona à fundação de uma casa funerária. Seu proprietário – o português José Costa –, estabelecido no bairro desde 1917 e tendo que negociar com a morte e a tristeza da população local, resolveu proporcionar alegria e divertimento para seus fregueses (SR., 02/1949). Assim, em 1920, o comerciante construiu sua obra-prima – *Cruzador em alto-mar* –, o primeiro de uma série numerosa de coretos projetados ao longo de vários carnavais.

Pouco a pouco, os coretos alegóricos espalharam-se pelos bairros dessa região, passando a ser identificados como uma tradição tipicamente suburbana. No final da década de 40, os coretos já haviam se consagrado como importantes símbolos da localidade e sobretudo como exemplos da autonomia e espírito de iniciativa dos empreendedores suburbanos.

Enquanto no centro da cidade, a ornamentação corre por conta da prefeitura nos bairros ela é feita graças aos esforços dos moradores e do comércio local. (...) São os tradicionais coretos. O mais famoso deles todos é o de Madureira (SR., p. 18, 03/1949).

Com apenas algumas interrupções, José Costa construiu seus coretos até 1936, encerrando então suas atividades de cenógrafo. A partir daí, para que Madureira continuasse a manter sua tradição carnavalesca, o comércio de Madureira passou a contratar os serviços de outros artistas.

Tanto a versão da revista, quanto a fala de alguns entrevistados tendem a enfatizar excessivamente o lado artístico e empreendedor do proprietário da casa funerária, dando a impressão por vezes de tratar-se de uma iniciativa solitária do comerciante. A ênfase no talento, criatividade e sua habilidade em trabalhar a madeira

sugere a importância da arte e da criação na festa carnavalesca ao valorizar a capacidade única e exclusiva do cenógrafo em produzir o “espetáculo visual” dos coretos, assemelhando-se num certo sentido, ao papel, atribuído ao carnavalesco nas escolas de samba atuais (CAVALCANTI, 1993), à medida que é ele que concebe e visualiza o sonho da escola na avenida. Entretanto, a valorização excessiva do talento desses artistas tende a mascarar o caráter coletivo do processo de produção da festa carnavalesca.

Segundo Armindo Fonseca, o proprietário da casa funerária nunca fez sozinho os coretos de Madureira. Embora a idéia inicial e a concepção dos coretos tenham sido de José Costa, a construção desta obra sempre foi um empreendimento coletivo do comércio de Madureira que, por meio da organização de comissões promotoras, se cotizava para erguer os coretos.

Um dos principais sentidos da festa consistia na atribuição de prestígio social aos “abnegados” comerciantes que “generosamente” ofertavam aquela festa à população suburbana. Além do lucro no curto prazo que a folia poderia proporcionar, o verdadeiro retorno seria fruto do reconhecimento da população suburbana ao seu empenho pelo bairro, estendendo-se o ano todo, refletindo-se na preferência da clientela.

Como é fácil avaliar, muitas dessas obras de arte custaram ao comércio local muitos milhares de cruzeiros. Os foliões que foram contemplados não devem portanto abandonar os comerciantes que as financiaram. Quando tiverem de fazer suas compras dêem preferência ao comércio local. Nada de alimentar a ilusão de que na cidade se compra mais barato. Assim como os que financiaram os coretos são bairristas, os habitantes locais também precisam ser, para que a tradição não venha sofrer solução de continuidade. Dêem preferência ao comércio de suas localidades para que ele possa voltar a cooperar no próximo carnaval para a sua alegria (SR., 02 e 03/1957).

A participação dos setores médios, no passado, em sociedades carnavalescas<sup>10</sup> parece ter funcionado como um caldo de cultura carnavalesca que mais tarde estimulou o patrocínio e a construção dos coretos alegóricos. Como se sabe, estas sociedades desfilavam nos dias de folia em elaborados carros alegóricos (reconhecidamente a fonte de inspiração de José Costa), financiados pelas contribuições de seus associados e pela renda do jogo de roleta e carteadado que funcionavam o ano todo em suas sedes. Na imprensa de bairro suburbana (*O Subúrbio*, 11/02/1911) do início do século, fica claro que essa era uma prática recorrente na região e que várias pessoas ligadas à imprensa local e, portanto, voltadas para o movimento de dignificação dos subúrbios participavam ativamente dessas agremiações, prenunciando as futuras relações entre o carnaval e este movimento<sup>11</sup>.

Outro aspecto importante, considerando o grande número de portugueses na formação do comércio de Madureira e nos subúrbios, desde o início do século, é

<sup>10</sup> Manifestação que teve seu apogeu do final do séc. XIX, e nas duas primeiras décadas do século XX. Eram freqüentadas predominantemente por rapazes, estudantes ou funcionários graduados do comércio, homens de letras e jornalistas (SIMSON, 1984, p. 29).

<sup>11</sup> Simson (1984, p. 29) inclusive destaca o caráter de intensa participação política e a presença de um certo cunho filantrópico nas agremiações carnavalescas.

que talvez eles tenham trazido de seu país de origem certa familiaridade ou vivência da cultura carnavalesca, facilitando, então, a sua adesão ao projeto dos coretos. A esse respeito, Armindo Fonseca confirma que seu pai e “os velhos portugueses” já participavam das primeiras comissões promotoras, comprovando a acentuada influência portuguesa não apenas no carnaval, mas sobre várias atividades comunitárias<sup>12</sup>.

Os imigrantes portugueses recém-chegados ao Brasil e estabelecidos no comércio suburbano parecem ter buscado formas de reconhecimento, participação e integração social com os recursos culturais de que dispunham. O carnaval pode ter sido a escolha ideal, já que além de ser comum a cultura dos dois países (na cidade do Rio de Janeiro em especial) constituía-se em uma festa de grande alcance social, capaz de mobilizar os mais diversos estratos da população por meio de folguedos que transformavam a cidade nos quatro dias de folia. Os coretos, então, seriam uma contribuição à festa mais esperada da população carioca. Nesse sentido, as intenções integradoras de José Costa e dos “velhos portugueses” que primeiro construíram os coretos mostraram-se plenamente vitoriosas ao longo de todos esses anos. Os coretos tornaram-se um símbolo de amor ao bairro, ao país.

#### 2.4 Madureira deslumbra o povo carioca com o seu carnaval

Fazendo uso da antiga tradição carnavalesca do bairro, *Subúrbios em Revista* lançou em 1949 a campanha para a reedição dos coretos alegóricos de Madureira, enfatizando a contribuição dessas construções no passado para a divulgação e popularidade alcançada pelo bairro. Madureira, dizia a revista (*SR.*, 02/1949), enfrenta as maiores dificuldades no seu dia a dia: não tem gás, não tem luz elétrica suficiente, tem apenas meia-dúzia de aparelhos telefônicos e vive esquecida pelas autoridades, fazendo lembrar os desprezados bilhetes de loteria com final 13 que ninguém quer levar... mesmo assim, completava a revista, ninguém ousa falar mal do bairro graças aos famosos coretos alegóricos. Assim, o apelo da revista voltava-se para a lógica da inversão<sup>12</sup> do carnaval; Madureira podia não ter nada, ser pobre e abandonada, mas tinha a festa, a alegria. Durante o carnaval o bairro brilhava e se destacava para a cidade.

De fato, *Subúrbios em Revista* exerceu um efeito catalisador sobre essa antiga tradição do bairro, abandonada, desde 1946, devido à dificuldade encontrada pelas comissões organizadoras em arrecadar recursos entre os comerciantes e, em muitos casos, terminar a obra a tempo dos festejos de carnaval.

Os comerciantes já se cotizavam antes da existência da revista, já havia esse esquema montado e procuravam umas pessoas, mas nunca, sabe, havia, vamos dizer assim, uma organização. Acabava no sábado de carnaval, estava pronto para inaugurar. Às vezes inaugurava no domingo, até na segunda-feira, então isso foi incomodando as pessoas escolhidas para fazer comissão... (Carlos G. Potengy Júnior, entrevista: 20/06/1991).

<sup>12</sup> Segundo Da Matta (1983, p. 62) “a inversão cria as condições para a comutação entre domínios e elementos situados em posições descontinuas”. O carnaval dos coretos, nesse sentido, permitia reverter os estereótipos de pobreza e abandono atribuídos aos subúrbios. A riqueza e a imponência dessas construções dão mostras do potencial econômico e social da elite que as patrocinou, permitindo portanto, que esta se coloque simbolicamente em condições de igualdade com a burguesia de regiões mais nobres da cidade. A animação da festa, ao mesmo tempo em que divulga e destaca, também integra o bairro, o subúrbio à cidade.

Em 1949, Armindo Fonseca se encarregou de formar uma comissão promotora junto com mais oito comerciantes do bairro e Potengy responsabilizou-se pela parte artística, contratando seu pai – José Gomes da Silva Potengy –, um antigo cenógrafo de carros alegóricos de Ranchos, para a execução do coreto.

O sucesso do empreendimento e a grande mobilização do setor comercial fizeram com que Potengy nos anos seguintes assumisse a criação e execução da obra, tornando-se o grande maestro do evento. Assim como no passado José Costa tornou-se famoso pelas suas obras de arte, o domínio de Potengy sobre o “saber carnavalesco” fez com que os coretos a partir dessa data estivessem intimamente relacionados à sua imagem e à da revista, dando por vezes a impressão de se tratar de mais um dos eventos criados por *Subúrbios em Revista*.

O tradicional carnaval de Madureira, cuja semente foi lançada por *Subúrbios em Revista*, mas que só germinou graças ao estímulo de verdadeiros madureirenses que, pela sua dedicação ao subúrbio onde estão estabelecidos, conseguiram superar a barreira anteposta por meia dúzia de hipócritas que o expressivo acontecimento serviu para revelar (SR, p. 3, 02/1949).

O papel promocional e também coercitivo de *Subúrbios em Revista* fez com que a construção do coreto contasse com a participação da grande maioria do comércio local. A revista não só cedia amplo espaço para a divulgação dos preparativos e cobertura da festa, como também publicava, em suas páginas, os nomes dos comerciantes com seus respectivos estabelecimentos, que haviam colaborado ou não para a mesma.

Atitude lamentável: a respeito do dono de uma perfumaria em Madureira que prometeu colaborar com 500 cruzeiros e passado o carnaval só quis pagar 200. (...) A sua miserável contribuição não foi aceita e ele embora fosse chamado de ‘sujo’ por um dos membros da comissão, ficou todo satisfeito porque conseguiu acumular no ‘pé de meia’, mais ‘duzentões’. O fato fica como uma advertência aos que negociam a crédito. Cuidado com o dono da perfumaria na estrada Marechal Rangel (...) O homem vende sabonete mas é sujo pra cachorro... (SR., p. 15, 03/1949).

É inegável que a publicação na revista de comentários agressivos e debochados, em relação aos comerciantes que não colaboravam para o carnaval dos coretos, exercia um efeito multiplicador sobre tais acusações. Contudo, é importante frisar que o tom ofensivo adotado pela revista não era apenas expressão de determinado estilo jornalístico de seu diretor. Os líderes das comissões organizadoras em vários momentos foram os mentores de certas brincadeiras jocosas publicadas na revista.

Os negociantes em questão, além de sofrerem diversas formas de represálias por parte da comunidade durante todo o ano, nas noites de folia, ficavam com as gambiarras em frente aos seus estabelecimentos apagadas. Portanto, a revista, ao explicitar determinadas questões e ao exercer sua capacidade de formação de uma opinião pública, potencializou a força coercitiva do movimento, permitindo enfatizar a união, o consenso entre os “verdadeiros madureirenses”, aumentando, enfim, a sua eficácia política.

A autonomia da revista, na verdade, vai sendo construída aos poucos, à medida que, como vimos acima, Potengy vai sendo incentivado por grupos de prestígio do bairro a fazer certos comentários na revista. Como numa via de mão dupla, a revista muito contribuiu para o fortalecimento da causa suburbana. Mas, ao fazê-lo, Potengy também capitalizou prestígio e força, já que muitas das iniciativas em prol da localidade acabaram associadas a sua imagem e à da revista. A quase total adesão do comércio local à construção do coreto de 1949 funcionou como uma espécie de termômetro ao avaliar a legitimidade da revista para assumir a liderança desse empreendimento e, a partir daí, para se afirmar como porta-voz dos interesses e bem-estar da população suburbana (SR., p. 3, 03/1949).

Potengy também foi o responsável pela criação de um concurso de escolas de samba em torno do coreto, nos moldes do desfile oficial, com direito a taças ofertadas pelo comércio local, na segunda e terça-feira de carnaval. O desfile contribuiu para aumentar a repercussão e o brilhantismo do carnaval de Madureira, particularmente pelo fato de que as duas grandes escolas de samba locais – Portela e Império Serrano – vinham acumulando sucessivas vitórias nos desfiles oficiais da Praça Onze<sup>13</sup> e crescente projeção nacional. O momento de entrega das taças pode ser visto como um ritual de reforço de posições sociais estabelecidas, no qual se procurava destacar a força da iniciativa, o empenho e a generosidade do comércio para com a população suburbana. Visto sob outro ângulo, essa cerimônia também poderia simbolizar a adesão, ou reconhecimento, por parte das classes populares, aos ideais bairristas dos setores médios suburbanos. Por meio da linguagem própria do carnaval, a criação de uma igualdade abstrata entre os moradores do subúrbio tornava-se possível a partir da integração dos diferentes segmentos sociais na festa carnavalesca. Ainda que os vários grupos sociais tivessem orientação ou participação distinta na folia, simbolicamente, recriava-se um subúrbio unido pela alegria e riqueza de fantasias e alegorias. A julgar pela manchete publicada quase todo ano na revista, “Madureira deslumbra o povo carioca com seu carnaval”, este era o bairro mais carnavalesco da cidade.

## 2.5 Finalmente, o progresso

O viaduto de Madureira é apontado como um dos marcos da chegada do progresso na história do bairro. As primeiras negociações para sua construção iniciaram-se em 1955, na gestão do Prefeito Alim Pedro, mas a obra só foi concluída na década de 60.

Se, por um lado, o viaduto simbolizava a chegada do tão esperado progresso, permitindo a melhoria do tráfego local, a integração e o acesso mais rápido a outras regiões da cidade, por outro, o conjunto de mudanças que transformaram o bairro na década de 60 (aí incluindo o viaduto de Madureira) também são apontadas com fatores que levaram ao esvaziamento do projeto de dignificação dos subúrbios nos moldes veiculados pela imprensa de bairro. As atribuições negativas feitas ao

<sup>13</sup> Em 1948, Portela ficou em 3º e o Império em 1º. De 1949 à 1951, o Império ficou em 1º lugar. Em 1953 a Portela foi campeã, seguida do Império. Em 1954 a Portela tirou o 2º lugar. Em 1955 a Portela chegou em 2º e o Império em 1º e finalmente em 1957 inverteram-se as posições (AUGRAS, 1992, p. 10).

progresso, entre elas: o crescimento desordenado do bairro, o enfraquecimento dos laços familiares, de amizade e o conhecimento nos quais se estruturava a rede de relações sociais da localidade, fazem em parte da reflexão sobre o bairro, feita por pessoas que viveram ou participaram da fase dourada de Madureira e ainda hoje tentam explicar como a força e a união desse movimento foi se perdendo.

Em outras épocas tinha assim, mais uma liderança, existia mais um aconchego entre todos nós, os comerciantes, políticos da área e tal. Havia melhor entendimento. O porquê? 90% dos comerciantes de Madureira, não eram só do Mercado não, de Madureira toda, era fruto de Madureira, eram pessoas de Madureira. Nascido, criado, casado, pai, filho, tudo de Madureira. De uma época prá cá, o comércio melhorou muito em Madureira. Vieram os estrangeiros. Os estrangeiros vêm a Madureira, trabalham, pagam seus impostos, cumprem suas obrigações. Só que não moram em Madureira. Vão para a zona sul (Nelson Prudente de Moraes, administrador do Mercado de Madureira; entrevista 09/1994).

Madureira hoje perdeu a identidade de Madureira. Madureira já não é aquele 'pool' de amigos, da família e todos que moravam em Madureira. Hoje a maioria está deixando Madureira e hoje mora na Barra ou mora em Copacabana, porque ele não quer dizer que mora em Madureira. Esse é o fato. E as famílias tradicionais de Madureira se acabaram (Carlos Gomes Potengy Júnior; entrevista 20/06/1991).

As citações acima apontam para o surgimento de novas possibilidades de trajetória social distintas daquela veiculada em *Subúrbios em Revista*. Ou seja, não estão mais baseadas em relações de prestígio constituídas no local. A mudança seja de bairro, seja da antiga rede de parentes e vizinhos passou a se apresentar como aspecto importante na busca de novos padrões de status social.

Embora não faça parte deste estudo analisar os fatores que levaram ao declínio desse movimento, pode-se sugerir que os processos de massificação da cultura, de expansão da economia e de complexificação da cidade, a partir da década de 60, tenham possibilitado às camadas médias suburbanas novas possibilidades de trajetória social desvinculadas desse projeto de natureza localista, tradicional e comunitária.

Acredito que um dos sinais mais evidentes do impacto dessas transformações históricas da cidade e da sociedade como um todo, sobre o projeto de dignificação dos subúrbios, encontra-se na diferença marcante na apropriação e atribuição de significados do termo suburbano. Enquanto nas décadas analisadas, assumir-se como tal expressava a possibilidade de transformação de uma identidade socialmente desvalorizada e a adesão a um determinado projeto de desenvolvimento para a região, na atualidade, a imputação de suburbano é sobretudo uma categoria de classificação atribuída aos habitantes dessa localidade, por aqueles que assim não se consideram: "Eu acho que hoje dizer que é suburbano, sabe, é uma ofensa. Talvez consiga até uns tapas se você disser: oh suburbano!" (Carlos Gomes Potengy Júnior, entrevista: 20/06/1991).

## Conclusão

O projeto de dignificação dos subúrbios se definiu inicialmente por uma reação das camadas médias suburbanas ao processo contínuo e crescente de estratificação social do espaço urbano, no qual a Reforma Passos (1902/1906) foi um marco referencial importante.

Se, por um lado, ele apresentava uma face política que procurava lutar e reivindicar junto ao Estado melhorias para a região suburbana, de outro, ele tinha um caráter socialmente excludente, já que pretendia distinguir as camadas médias dessa região de outros estratos da população, por meio da divulgação de seu modo de vida e sobretudo, da conquista de prestígio advindo de seu empenho e dedicação ao desenvolvimento local.

Mediante a análise do periódico *Subúrbios em Revista* procurou-se mostrar que a imprensa de bairro suburbana foi não somente o principal instrumento de luta e divulgação dos valores desse grupo, como também um agente capaz de transformar práticas, valores e estimular a organização de movimentos sociais por meio da formação de uma opinião pública.

Certamente, a conjunção de vários processos históricos contribuiu para que o carnaval dos coretos se consolidasse como expressão máxima do projeto de dignificação dos subúrbios a partir da década de 40. Entre eles destaca-se: a crescente associação do carnaval como um símbolo da cultura nacional, fazendo com que o patrocínio dos coretos, além de remeter-se a critérios de pertencimento e afetividade ao bairro, adquirisse um significado mais profundo de adesão do comércio de Madureira (composto em grande parte por imigrantes de várias nacionalidades) a essa importante manifestação da cultura brasileira.

Sob outro aspecto, a grande participação popular na festa, sobretudo a partir da incorporação do desfile das escolas de samba em torno do coreto, chama atenção para o fato de que, embora o projeto de dignificação dos subúrbios tivesse um caráter socialmente excludente, o êxito desse projeto estava associado à incorporação por parte de toda a população suburbana à ideologia bairrista dos setores médios, dando preferência aos comerciantes envolvidos com a causa suburbana ou boicotando aqueles que apenas procuravam enriquecer.

Assim é que o carnaval dos coretos, como espaço privilegiado de trocas culturais e mediação social, representava de forma ritualizada a mobilização de toda a população suburbana em torno do projeto de divulgação e projeção dos subúrbios por meio da alegria e da festa. Além disso, o carnaval dos coretos servia para qualificar e promover os empreendedores suburbanos que patrocinavam essa festa popular, reforçando, portanto, categorias e posições sociais estabelecidas. Mas, acima de tudo, o carnaval permitia a inversão do processo de estratificação social aos quais os subúrbios estavam submetidos no seu dia a dia. Durante a folia, os subúrbios se mostravam ricos, iluminados e elegantes aos outros bairros da cidade.

A valorização de “ter ou criar raízes no bairro” chama atenção para o fato de que o empenho das camadas médias suburbanas em fazer “evoluir” e “progredir” a região estava calcado sobre um universo de valores tradicionais, centrados na permanência, na manutenção de relações de parentesco, amizade e reprodução dos projetos de vida das gerações mais velhas.

O projeto de dignificação dos subúrbios pode, então, ser definido como um movimento conservador de evolução dos subúrbios, no qual a perspectiva de progresso em suas várias faces estava marcada por um forte conteúdo de promoção e distinção social das camadas médias suburbanas, muito embora a representatividade desse movimento estivesse relacionada à produção de uma igualdade abstrata com todos os moradores do subúrbio, seja a partir da vivência comum de carências cotidianas, seja na alegria da festa carnavalesca.

## Referências bibliográficas

ABREU, Maurício. *Da habitação ao habitat: uma interpretação geográfica da evolução da questão da habitação popular no Rio de Janeiro (1850-1930)*.

\_\_\_\_\_. *Habitação popular no Rio de Janeiro: Primeira República*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/IUPERJ/IBAM, 1984.

\_\_\_\_\_. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar/IBAM, 1988.

AUGRASS, Monique. *Medalhas e brasões: a história do Brasil no samba*. Rio de Janeiro: Centro de Documentação Contemporânea do Brasil, 1992.

BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Hierarquia em classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Onde a cidade se encontra: o desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro*. 1993. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DURHAM, Eunice. Movimentos sociais: a construção da cidadania. *Revista Novos Estudos Cebrap*, n. 10, out. 1984.

FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. “Assim é o meu subúrbio”: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957. 1995. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HEILBORN, Maria Luiza. *Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. 1984. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em

Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Capital imobiliário, propriedade fundiária e espaço urbano: contribuição ao estudo da urbanização do Rio de Janeiro, 1870-1930*. In: SEMINÁRIO: “Habitação popular no Rio de Janeiro: Primeira República”, 1984. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa IUPERJ/IBAM, 1984.

SALEM, Tânia. Família em camadas médias: uma revisão da literatura recente. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 54, out. 1985.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Maria Alice de Oliveira. “*Rendas, babados, bilros e crochês*”: a construção social da mulher de prendas domésticas. 1985. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SIMSON, Olga de Moraes von. *A burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1885-1915)*. 1984. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

**Abstract:** Through an approach that relates the evolution of the urban space and the social building of their inhabitants, the article realizes a study of the medium strata of Rio de Janeiro suburban population in the period of 1948 to 1957. It aims to demonstrate how certain ideals and practices turned to the social and urban progress of the region are part of a conscious project of dignification of the suburbs and constitute the fundamental elements for the social building of that group. The neighborhood's press has been the main means of making explicit and transforming the contents of this project. Consequently, the present text is basically centered on the analysis of the magazine named *Subúrbios em Revista*, which, in the studied period, distinguishes itself as the main divulging organ of the wishes of the medium suburban strata.

**Keywords:** Rio de Janeiro. medium strata. neighborhood's press. carnival